

PAULO FREIRE E A EDUCAÇÃO PARA TODOS

DOREA, Guga* – Instituto Latino-Americano de Projetos e Estudos Avançados
(LATINUS) – gugadorea@uol.com.br

RESUMO

Essa comunicação abordará, através das discussões suscitadas pela teoria e prática filosófica, política e pedagógica de Paulo Freire, uma possível visão dialógica da educação sobre a inclusão social da intitulada pessoa com deficiência. É a possibilidade de formulação de princípios cuja validade independa da diversidade das pessoas ou culturas na relação educador/educando. A comunicação explicitará as ressonâncias que a concepção ocidental do progresso trouxeram para os chamados negativamente de “diferentes”, em detrimento ao impulso homogeneizador inerente a um suposto mito da normalidade. Nessa perspectiva, o desafio apontado por Paulo Freire é essencial para o desenvolvimento de uma nova ética fundada no diálogo entre diferenças.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Inclusão/Exclusão, Normalidade/Anormalidade, Ensino Dialógico, Diferença

ABSTRACT

This communication approaches, through the discussions raised by theory and practice philosophic, politic and pedagogic of Paulo Freire, one possible vision dialogical of education about the inclusion sociable of intitled people with deficiency. Is the possibility of formulating de principles whose validity does not depend on the diversity of persons or cultures in the relation educator/student. The communication explesses the resonances that the conception occidental of progress brought to the calleds negatively of “differences” on detriment of the homogenising impulse inherent a one supposition myth of normality. With this perspective, the challenges pointeds by Paulo Freire is essential for the development of one new ethic founded on dialogue between differences.

KEYWORDS: Education, Inclusion/Exclusion, Normality/Anormality/ Instrucion Dialogical, Differences

O objetivo dessa comunicação é mostrar a importância da filosofia educacional desenvolvida por Paulo Freire para o debate e a prática da inclusão social para a denominada pessoa com deficiência mental nos tempos atuais. Encerrando mais um ciclo em contato direto com professores das redes pública e particular, como formador para o que Freire denominaria de escola para todos, tenho cada vez mais sentindo a necessidade de resgatar o pensamento freiriano para questionar uma prática chamada de inclusiva que pressupõe, antes de tudo, que o educando rotulado de “deficiente” ou “com dificuldade de aprendizado” se adeque a um suposto mundo da normalidade.

Não pretendo, como tenho feito, escrever sobre inclusão propriamente dita, ainda mais que a educação dialógica proposta por ele já inclui a todos,

indiscriminadamente. A pergunta de partida a ser realizada, nesse contexto, refere-se à importância da ampliação de um diálogo filosófico, micropolítico e psicopedagógico sobre o processo inclusivo atualmente desenvolvido na sociedade contemporânea. Como pai de uma criança com síndrome de Down, lanço, em primeiro lugar, o seguinte postulado: muitas famílias estão desejando que seus filhos simplesmente passem a estar integrado na lógica dominante, o que significa, na prática, a necessidade da adequação daqueles concebidos negativamente como diferentes a um pré-determinado *status-quo* vigente.

A educação para todos, nesse sentido, deve partir de outro princípio. Ela pressupõe uma efetiva transformação da escola e não mais adequar o até então excluído a um modelo tradicional e hierárquico de ensino e de aprendizado. As escolas, diante disso, devem estar aptas a desenvolver e investir no potencial criativo e singular de todos os seus alunos, independente de qualquer degrau valorativo e hierárquico entre eles, levando-se sempre em conta as necessidades, os desejos e os afetos de cada aluno com sua singularidade e subjetividade própria, o que pressupõe uma efetiva inovação e um olhar distinto tanto do educador, como das próprias famílias, em relação a todos os educandos.

Quantas vezes já não escutamos frases como essas, sobretudo nos meios de comunicação de massa: o mundo contemporâneo vive um momento intenso de transformação, sendo o progresso tecnológico o carro chefe nesse processo. A escola, portanto, deve preparar o adulto do futuro para enfrentar uma realidade em avassaladora metamorfose. No entanto, a questão a ser debatida é como preparar esse aluno e como o educador está incumbido dessa tarefa?

É nessa perspectiva que Freire deixou um desafio instigante para quem deseja pensar as reais transfigurações pelos quais passou, não só a educação, mas a nossa sociedade nos últimos tempos, sobretudo se formos pensar nos países latino-americanos. No ainda atual “Pedagogia do Oprimido”, além de estar preocupado com o tema da liberdade, tão difícil de conquistar nos dias de hoje, ele buscou, sobretudo, a conexão teoria/prática para debater a relação educador-educando. Como o professor está transferindo seu suposto saber?

“Falar da realidade, como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação” (Freire, 2005, p. 65).

Nesse contexto, a relação é de submissão. De um lado, o agente do saber, aquele que deposita envelopes normativos e fechados; de outro, o que apenas recebe o conteúdo programático. Na “educação bancária”, diz Freire, o educando é obrigado a se adequar ao autoproclamado dono do conhecimento. É como se o aluno, ao entrar em sala de aula, fosse induzido a deixar a sua experiência de vida em um cabide, para vesti-la novamente na saída.

É diante dessa perspectiva que filósofos conservadores, como Le Bon e Gasset, defenderam o princípio de que as “massas” jamais serão capazes de se transformar em seres genuinamente pensantes e transformadores sociais. Apenas uma elite minoritária, disseram, estará apta a tamanha proeza, cabendo à educação regá-la ao máximo para que ela pense pelo todo condenado a se eternizar no mundo das sombras platonista.

É essa elite, portanto, que escolherá o que, a quem e porque ensinar, estabelecendo um conceito sedimentado, meritocrático e mesmo autoritário do que é aprender e ser inteligente. Nessa concepção, segundo Freire, resta aos concebidos como “seres fora de” serem “integrados” a um “hoje normalizado”. Trata-se aqui de domesticar o outro e não de investir no princípio de que ele pode se tornar realmente autônomo em sua vida particular e social.

Para ele, ao contrário, a educação não pode mais ser pensada como se fosse de mão única, em que o educador informa e o educando recebe. Ambos, em uma nova forma de conceber o ato de ensinar, educam e são educados.

“A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo “encha” de conteúdos. (...). Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo” (Idem:77).

Como se estabelece, diante disso, a alfabetização e o ensinar? Freire nos oferece uma pista essencial, já discutida por outros pensadores, ao falar da idéia do “tema gerador”, que deve sempre partir da realidade e do contexto social no qual o educando está inserido, em sua própria práxis e na relação com o outro.

“O educador problematizador re-faz, constantemente, seu ato cognoscente, na cognoscitividade dos educandos. Estes, em lugar de serem recipientes dóceis de depósitos, são agora investigadores críticos, em diálogo com o educador, investigador crítico também” (Id: 80).

No campo da alfabetização, temos ainda a denominada “palavra geradora”, imersa na realidade do alfabetizando, o que significa produzir um sentido para que ele possa se conectar à sua realidade e ao campo do conhecimento, passando a ser também agente transformador de si mesmo e do mundo. Na prática, disse ele em entrevista pós “Pedagogia do Oprimido”, não é possível fragmentar palavra e tema geradores. Ambos fazem parte do mesmo processo.

“A educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo” (Id: 97).

Como não é objetivo desse artigo encerrar esse complexo tema, nada como recuperar um outro filósofo não menos polêmico. O que é, para Nietzsche, ensinar História. Transmitir apenas informações conteudistas, disse ele, é o mesmo que paralisar o presente e engessar qualquer chance de transformação futura.

Conceber à História um sentido prático, em outra perspectiva, é torná-la útil à criação, além de potencializar o educando a se interessar pelo aprendizado em conexão com suas experiências existenciais de vida. Descortina-se, nesse instante, a possibilidade do aluno buscar experimentar em si mesmo e por opção própria todo um passado histórico fundamental e significativo para seu desenvolvimento pessoal.

Trata-se de pensar os homens como seres em constante devir e não como indivíduos prontos e acabados, alguns até circunscritos, por exemplo, sob os rótulos de inferiores e mesmo deficientes, além de estigmatizados como limitados em relação à sua capacidade de aprendizagem e de se posicionar diante de si mesmo, do outro e da própria vida.

Bibliografia

DOREA, Guga. *Educação Inclusiva: desafios e perspectivas*, Revista Linha Direta, Projeto Linha Direta: em benefício da educação, ano 9, nº 95, 2006.

_____. *O ensino Da Filosofia e da Sociologia: Contribuição para a Inclusão Escolar*, Revista Linha Direta, Projeto Linha Direta: em benefício da educação, ano 9, nº 103, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GASSET, José Ortega Y. *A rebelião das massas*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

LE BON, Gustave. *Psicologia das Multidões*. Lisboa: Delraux, s/d.

NIETZSCHE, F. W. *Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da História para a Vida*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

PASSETTI, Edson. *Conversação Libertária com Paulo Freire*. São Paulo: Editora Imaginário, 1998.

* Guga Dorea é jornalista e sociólogo, além de doutor em Ciência Política pela PUC/SP. Atuou como professor de Sociologia, Filosofia, Ciência Política e História da Comunicação na Universidade Paulista (UNIP) e na Uni-Radial. Atualmente é professor convidado dos cursos de pós-graduação em Educação Inclusiva da Universidade Gama Filho, da UNI-FMU e da Faculdade Taboão da Serra, vinculada ao Instituto Nacional de Pós-Graduação (INPG), onde leciona os módulos “Aspectos Filosóficos na Educação Especial e Inclusiva”, “Contexto Social e Inclusão: Multiculturalismo” e “Políticas Governamentais e Não Governamentais em Educação Especial e Inclusiva”. Trabalha também no Centro de Documentação e Informação XOJOBIL, no qual realiza pesquisas sobre a cultura e os movimentos indígenas e camponeses na América Latina, em especial os zapatistas no México, além de ser sócio fundador do Instituto Latino-Americano de Pesquisas e Estudos Avançados (LATINUS).